VAMOS FALAR DE
IMERSÃO NA AMAZÔNIA

PETROBRAS

DEZEMBRO DE 2022 **#SOMOSAFLORESTA**



Kevin González/Imaflora

"Estamos juntos, no mesmo barco", essa foi a conclusão a que chegaram os representantes de cinco projetos de referência em florestas, patrocinados pelo Programa Petrobras Socioambiental, que participaram de uma imersão em quilombos de Oriximiná, no Pará, promovida em agosto pelo projeto Florestas de Valor, realizado pelo Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora).

Apesar de atuarem em contextos, e até biomas diferentes, os dias de trocas de experiências possibilitaram a identificação de estratégias e desafios em comum aos projetos que trabalham junto a comunidades locais para conservar florestas na Amazônia, na Mata Atlântica e na Caatinga.

Nesse informativo, os projetos Florestas de Valor, No Clima da Caatinga, Viveiro Cidadão, Semeando Água e Raízes do Purus, refletem sobre a importância desses encontros para fortalecer alianças e inspirar inovações na busca por soluções que melhorem a qualidade de vida das comunidades e mantenham as florestas em pé. Boa leitura!

TROCA DE EXPERIÊNCIAS NO NORTE DO PARÁ 2
por Florestas de Valor

UM POUQUINHO DA CAATINGA NA AMAZÔNIA 6
por No Clima da Caatinga

CONECTANDO RAÍZES 9
por Raízes do Purus

SEMEANDO REDES, COLHENDO APRENDIZADOS 12
por Semenado Água

ENTRE REDES E CONEXÕES, NAVEGAR É PRECISO 15
por Viveiro Cidadão

Patrocínio

PETROBRAS

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

TROCA DE EXPERIÊNCIAS NO NORTE DO PARÁ



Kevin Gonzalez/Imaflora

Para promover a sociobioeconomia na Amazônia é preciso a articulação entre diferentes setores e o reconhecimento do papel das populações tradicionais na dinâmica dos negócios da floresta. Pensando nisso, o Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora), por meio do programa Florestas de Valor, com patrocínio do Programa Petrobras Socioambiental, realizou um mergulho na Amazônia e embarcou junto com cinco projetos parceiros, jornalistas e gestores da empresa em uma visita técnica até o município de Oriximiná (PA), na região norte do Pará. A cidade abriga a sede da Cooperativa Mista dos Povos e Comunidades Tradicionais da Calha Norte (Coopaflora), empreendimento comunitário que estrutura a cadeia de produtos da sociobiodiversidade em territórios multiétnicos.

Partindo de Alter do Chão, distrito de Santarém (PA) onde está localizado o escritório regional do Imaflora, o grupo seguiu embarcado para visitar e conhecer de perto o trabalho das comunidades quilombolas na conservação da floresta em pé, usufruindo dos recursos naturais de forma sustentável.

A visita ao território foi uma iniciativa liderada pelo projeto Florestas de Valor. O encontro com as populações tradicionais ocorreu nos dias 24 e 25 de agosto. Porém, o intercâmbio de experiências e conhecimentos iniciou ainda no barco, já que algumas lideranças quilombolas e representantes da Coopaflora também estavam embarcados.

De acordo com Léo Ferreira, coordenador do projeto Florestas de Valor, a estadia no barco contou com rodas de conversa e apresentação sobre o contexto territorial e o trabalho desenvolvido pelas comunidades quilombolas no desenvolvimento de cadeias de valor de produtos da sociobiodiversidade. “Na ocasião, José Silvano Silva Santos, liderança quilombola, contou o histórico do movimento quilombola em Oriximiná, o processo de titulação de terras e a contribuição deles para a construção das legislações nacionais”, disse.



OS PROJETOS PUDERAM CONHECER AS AÇÕES DESENVOLVIDAS NO TERRITÓRIO, ALÉM DE OUVIR OS GUARDIÕES DESSE PEDAÇO DA AMAZÔNIA BRASILEIRA

A coordenadora de articulação da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Alto Trombetas II (ACORQAT), Lenivalda de Souza Xavier, também pôde contribuir com as reflexões sobre a região e destacou os trabalhos que são desenvolvidos pela associação. Durante as apresentações, Léo Ferreira discorreu sobre o trabalho desenvolvido pelo programa Florestas de Valor no território. “Desde 2012 apoiamos as comunidades daqui no acesso ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), na organização documental, na cadeia produtiva e

e nas articulações com o poder público local para comercialização dos produtos, sobretudo com as escolas quilombolas", enfatizou.

Os participantes da imersão desembarcaram na comunidade quilombola Arancuan de Baixo na manhã do dia 24 e visitaram a Unidade de Beneficiamento de Alimento (UBA), que funciona como uma agroindústria. "Ao longo da semana, estava sendo realizada pelo projeto uma oficina de beneficiamento de alimentos, com foco em produção de polpa de frutas. Os visitantes conheceram o espaço e puderam conversar com as manipuladoras de alimentos presentes, com a técnica do SENAR [Serviço Nacional de Aprendizagem Rural] que ministrava a oficina e com o técnico do Florestas de Valor responsável pela assistência do projeto à agroindústria", contou Léo.

Intercâmbio

A visita técnica foi uma oportunidade para os participantes compreenderem como se dá, na prática, o trabalho do empreendimento comunitário que conta com o apoio do projeto, assim como apresentar as experiências que desenvolvem nas iniciativas que coordenam nos seus territórios. A visita foi encerrada com uma degustação de açaí e sucos produzidos com as polpas beneficiadas durante a oficina que estava em andamento. Ainda no dia 24, o barco se deslocou para a comunidade quilombola do Jarauacá, onde foram recebidos com uma noite cultural que contou com apresentações de danças e interação de derrubada de mastro.

No dia 25, pela manhã, as atividades se iniciaram com uma roda de conversa no barco, conduzida pela coordenação do Florestas de Valor, apresentando o histórico da atuação do projeto com o apoio à valorização dos Produtos



Kevin Gonzalez/Imaflora

Florestais Não Madeireiros, ou produtos da sociobiodiversidade, como estratégia de valorização da floresta em pé. "Neste histórico foram apresentadas as ações de treinamento em boas práticas na extração e na pós-coleta, a aproximação de empresas, facilitação das parcerias comerciais e a formalização da atividade com a criação da Cooperativa local [Coopaflora]", explicou Léo Ferreira.

Daiana Figueiredo, presidente da Coopaflora, apresentou o histórico da cooperativa, criada



em 2019 com apoio do programa, e apontou os trabalhos e cadeias operadas pela organização, com apresentação de dados sobre o faturamento e volumes de produtos comercializados. “Ainda no mesmo dia, os visitantes acompanharam parte da oficina de capacitação em boas práticas de coleta e pós-coleta de óleo de copaíba. A atividade foi conduzida por Aldo Pita, quilombola que atua no projeto como Agente Comunitário de Projetos, ele é o multiplicador local”, comentou Ferreira.

Na oportunidade, Gustavo Silveira, representante do projeto Raízes do Purus, desenvolvido pela Operação Amazônia Nativa (OPAN), apresentou o trabalho de apoio ao manejo de pirarucu no estado do Amazonas. “Esse tema foi abordado, pois as comunidades locais têm interesse em iniciar um trabalho semelhante em um dos lagos presentes no território quilombola”, argumentou Léo.

Após o acompanhamento da atividade, o barco que transportava a equipe iniciou o deslocamento de retorno para Santarém. Enquanto isso, uma parte do grupo se deslocou a bordo de uma lancha para avaliar preliminarmente as possibilidades de implementação de um plano de manejo de pirarucu no lago do Acapú. Na oportunidade, visitaram, ainda, uma área de castanhal.

Na manhã do dia 26, o barco chegou à Santarém encerrando a visita técnica. No retorno para casa, além da mala com os pertences, muitos aprendizados e trocas realizadas. Participaram da atividade os projetos No Clima da Caatinga, da Associação Caatinga, Semeando Água, do Instituto Ipê, Raízes do Purus, da Operação Amazônia Nativa, e Viveiro Cidadão, da Ecoporé, todos patrocinados pelo Programa Petrobras Socioambiental.

www.imaflora.org.br

@florestasdevalor

/imaflora

Projeto Florestas de Valor

Realização imaflora

UM POUQUINHO DA CAATINGA NA AMAZÔNIA



Marina Rabello/OPAN

A Associação Caatinga é uma organização da sociedade civil, fundada em 1998, cuja missão é promover a conservação das terras, florestas e águas da Caatinga para garantir a permanência de todas as suas formas de vida. A instituição atua por meio de sete eixos temáticos envolvendo a criação e gestão de áreas legalmente protegidas, restauração florestal, educação ambiental, disseminação de tecnologias sociais de convivência com o semiárido, fomento à pesquisa e a políticas públicas socioambientais e comunicação.

Ocupando 11% do território nacional, a Caatinga é o único bioma exclusivamente brasileiro. Engloba os estados do Nordeste e o norte de Minas Gerais. A maior parte, ou 63% do território, já foi modificada por atividades humanas e menos de 2% da região é protegida por unidades de conservação de proteção integral. O bioma sofre, principalmente, com a pressão de desmatamento, queimadas e caça, o que acarreta na perda de biodiversidade e redução da oferta de serviços ecossistêmicos, como o estoque e a remoção de carbono da atmosfera, fertilidade do solo e segurança hídrica. Cerca de 13% da Caatinga está em estágio avançado de desertificação e isso traz inúmeros problemas ambientais, sociais e econômicos.

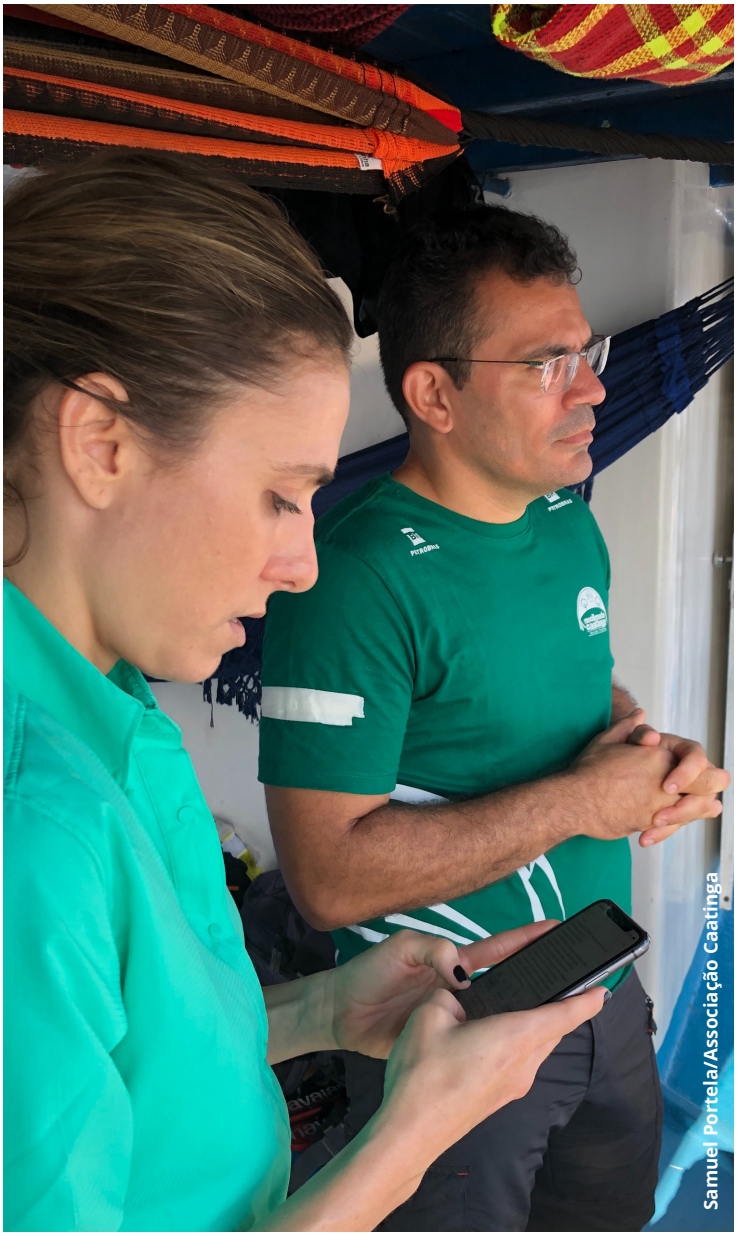
Neste sentido, a instituição é responsável pela realização do projeto No Clima da Caatinga (NCC), o qual, desde 2011, conta com o patrocínio da Petrobras por meio do Programa Petrobras Socioambiental. O NCC atua nos estados do Ceará e Piauí e seu objetivo é mitigar os efeitos potencializadores do aquecimento global por meio de um modelo integrado de conservação da Caatinga, o qual atrela a conservação e restauração do bioma com o desenvolvimento sustentável de comunidades


Samuel Portela/Associação Caatinga

AS HORAS EMBARCADAS NO BARCO FORAM RICAS PARA A TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE OS PROJETOS E, A PARTIR DAÍ, FOI POSSÍVEL ENTENDER A DINÂMICA DAS AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS QUE ACONTECEM NA REGIÃO

rurais do semiárido, promovendo adaptação e aumento da resiliência destas comunidades à semiaridez e às mudanças climáticas.

O NCC atua de forma integrada com outros quatro projetos patrocinados pela Petrobras, quais sejam: Floresta de Valor (Imaflora), Raízes do Purus (OPAN), Semeando Água (Instituto Ipê) e Viveiro Cidadão (Ecoporé). A expectativa é desenvolver ações coordenadas, promover a troca de experiências e estimular uma agenda comum no desenvolvimento de soluções baseadas na natureza e desenvolvimento sustentável de comunidades situadas na área de abrangência dos projetos.


Samuel Portela/Associação Caatinga

Como primeira ação integrada, de forma presencial em Alter do Chão (PA), foi realizado, no dia 23 de agosto, pelo projeto Floresta de Valor o Seminário "Floresta e Clima: Diálogos sobre carbono". O objetivo do encontro foi nivelar todos os projetos sobre a temática, além de verificar possíveis sinergias e perspectivas. Nos dois dias seguintes (24 e 25 de agosto) houve uma visita de campo às comunidades atendidas pelo projeto Floresta de Valor. As horas embarcadas no barco foram ricas para a troca de experiências entre os projetos e, a partir daí, foi possível entender a dinâmica das ações socioambientais que acontecem na região.

Durante a visita de campo conhecemos comunidades quilombolas e a estratégia de desenvolvimento sustentável dessas comunidades a partir de produtos florestais não madeireiros, promovendo a geração de renda a partir da floresta em pé. A capacidade de organização das comunidades em regime de cooperativa foi inspiradora.

www.noclimadacaatinga.org.br

@noclimadacaatinga

/noclimadacaatinga

Projeto

noclimada caatinga
Tatu-bola Preservado

Realização

ASSOCIAÇÃO CAATINGA


CONECTANDO RAÍZES
COOPAFLORA
Marina Rabello/OPAN

Os indígenas e quilombolas são povos tradicionais, ou seja, “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”[1].

Estes povos são guardiões de conhecimentos ancestrais que possibilitam uma vida abundante na floresta, mantendo-a viva e conservada. Há ainda, no entanto, um certo distanciamento entre indígenas e quilombolas da Amazônia, no que diz respeito à troca de conhecimentos, estratégias e experiências de gestão e manejo de seus territórios.

Nesse sentido, é exemplar a articulação quilombola-indígena no âmbito da Cooperativa Mista dos Povos e Comunidades Tradicionais da Calha Norte - Coopaflora, que impulsiona a comercialização dos preciosos produtos da sociobiodiversidade manejados pelas comunidades, garantindo que este trabalho, que mantém a floresta em pé, gere renda justa para os verdadeiros protetores da Amazônia. Por meio da cooperativa, indígenas e quilombolas comercializam castanha-do-Brasil, polpa de frutas, pimentas, óleos de copaíba e andiroba, e cumaru, a chamada baunilha da Amazônia.

Essa experiência de sucesso nos inspira e motiva a ampliar as articulações entre os territórios e suas comunidades, que muitas vezes, mesmo sendo vizinhas, estão desconectadas. E também provoca o interesse

[1]http://mds.gov.br/assuntos/seguranca-alimentar/direito-a-alimentacao/povos-e-comunidades-tradicionais

DURANTE A IMERSÃO FICARAM EVIDENTES DIVERSOS PONTOS DE CONEXÃO ENTRE OS CONTEXTOS QUILOMBOLAS E AS REALIDADES VIVIDAS PELOS POVOS INDÍGENAS COM OS QUAIS TRABALHAMOS POR MEIO DO PROJETO RAÍZES DO PURUS.

por articulações mais amplas, entre povos de diferentes estados, e até países.

Durante a imersão organizada pelo projeto Florestas de Valor, em que visitamos duas comunidades quilombolas, e pudemos conhecer suas lideranças, ficaram evidentes diversos pontos de conexão entre este contexto e as realidades vividas pelos povos indígenas com os quais trabalhamos por meio do projeto Raízes do Purus.



Marina Rabello/OPAN

Deste encontro, resultaram perspectivas promissoras de trocas, como de um intercâmbio entre mulheres do povo Paumari - que estão iniciando um processo de empoderamento, e ampliação de sua participação política, dentro e fora de seus território - e as fortes mulheres lideranças quilombolas, como Daiana Figueiredo, atual presidente da Coopaflora, e Lenivalda de Souza Xavier, coordenadora de articulação da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombo do Alto Trombetas II (ACORQAT). As comunidades quilombolas, por sua vez, desejam iniciar o manejo sustentável de pirarucu em seus territórios, que assim como os dos Paumari, são alvo da pesca predatória, e pediram apoio aos parceiros indígenas, que já desenvolvem esse trabalho, para estruturar essa iniciativa.

Com essas alianças e trocas de conhecimentos, nosso potencial para proteger as florestas cresce, e as comunidades com as quais trabalhamos ficam cada vez mais fortalecidas.

www.raizesdopurus.org.br

@raizesdopurus

/raizesdopurus

Projeto

RAÍZES DO PURUS

Realização

OPAN

SEMEANDO REDES, COLHENDO APRENDIZADOS



Kevin Gonzaléz/Imaflora

Observar a imensidão da floresta amazônica e de seus rios do alto da janela do avião já é o início dos inúmeros aprendizados da experiência de imersão. As proporções marcam a primeira observação da diferença entre os biomas. O encontro, que teve início com o evento "Diálogos sobre carbono", marcou a abertura do diálogo entre projetos, organizações, especializações e pessoas. Todos os projetos presentes da carteira de florestas do programa Petrobras Socioambiental – Florestas de Valor, Raízes do Purus, Viveiro Cidadão, No Clima da Caatinga e Semeando Água – apresentam um grande potencial de sequestro de carbono da atmosfera através de suas ações. Quantificar os benefícios trazidos pelas florestas, sejam elas mantidas em pé, sejam elas recriadas novamente, é o desafio dos créditos de carbono. As populações tradicionais que os habitam – indígenas, quilombolas e ribeirinhos – são guardiãs desses territórios há muitas gerações e compõem o importante aspecto social a ser considerado pelo mercado de carbono.

A troca de experiências relembrou a quem estava acostumado a reuniões através de telas a importância dos encontros presenciais. Compartilhar os alimentos, os espaços e um barco por 3 dias permitiu que o tempo se expandisse e reavivou o entendimento de que é preciso estar em contato para compartilhar desafios e possibilidades de ação. A boa relação entre beneficiários do projeto e equipe do Florestas de Valor mostra a importância de se desenvolver projetos de longo prazo, a fim de estabelecer uma relação de confiança entre as comunidades e a organização.

A experiência em estruturação de cadeias produtivas realizada pelo Florestas de Valor, para melhores oportunidades de comercialização e qualidade dos produtos é



Kevin Gonzalez/imaflora

uma inspiração para o Semeando Água. A organização formal das comunidades em associações e cooperativas e o protagonismo de lideranças femininas é algo que gostaríamos muito de ver se desenvolver na região do Sistema Cantareira, onde os produtores rurais apresentam ações mais individuais, mas poderiam se beneficiar de instrumentos de organização coletiva para a escala de seus negócios e acesso a políticas públicas. O contato com a arte, observada em diversos momentos,

PODER OBSERVAR DE PERTO OS DESAFIOS ENFRENTADOS POR OUTRAS ORGANIZAÇÕES QUE ATUAM NA ÁREA SOCIOAMBIENTAL RENOVA ESPERANÇAS E NOS DÁ MAIS FERRAMENTAS PARA REALIZAÇÃO DO NOSSO TRABALHO

mostrou a importância da valorização da cultura local como instrumento de conexão com a floresta e entre as pessoas..

A troca de experiências trouxe inúmeros aprendizados ao projeto e a seus integrantes. Poder observar de perto os desafios enfrentados por outras organizações que atuam na área socioambiental renova esperanças e nos dá mais ferramentas para realização do nosso trabalho. Apesar da realidade tão distinta entre os contextos sociais, territórios e biomas – Imaflora, Operação Amazônia Nativa, Ecoporé na Amazônia e Associação Caatinga na Caatinga – é possível encontrar semelhanças e compartilhar soluções, estratégias, exemplos e experiências. Ao retornar para a Mata Atlântica, nos sentimos ainda mais integrados a esta rede de conservação e propagação de florestas e a imensa complexidade de elementos que as compõem.

https://semeandoagua.ipe.org.br/

@institutoipe

/ipe.instituto.pesquisas.ecologicas

Projeto

PROJETO SEMEANDO ÁGUA

Realização

INSTITUTO DE PESQUISAS ECOLÓGICAS

ENTRE REDES E CONEXÕES, NAVEGAR É PRECISO



Kevin González/Imaflora

A grandeza imensurável do vasto território amazônico é algo presente no imaginário de muitas pessoas mundo afora. O que talvez seja pouco evidente são as estreitas relações entre economia, natureza e a cultura, as quais coexistem com a sociedade amazônica, por vezes em relação tão estreita quanto às relações ecológicas existentes na natureza.

Viajar de barco no balanço da rede pelo bioma é uma experiência incrível, por mais que alguém possa se dizer conhecedor da região, sempre existe algo que impressiona. Sejam histórias, personagens, comida ou o medo do desconhecido. As dimensões territoriais da paisagem fazem perder de vista o tapete de floresta verde rabiscado de rios e recheado de biodiversidade. Essas imagens ficam registradas na nossa memória fotográfica do mesmo modo que a receptividade das pessoas e o conhecimento compartilhado fica marcado em nossas memórias afetivas.

O encontro entre cinco projetos que trabalham em prol das florestas e do clima, patrocinados pela Petrobras, proporciona intensa troca de experiências e aperfeiçoamento mútuo.


Kevin González/Imaflora

O INTERCÂMBIO, DEMONSTROU QUE, MAIS DO QUE SONHAR, ACREDITAR QUE É POSSÍVEL REALIZAR COISAS FANTÁSTICAS NA AMAZÔNIA ESTÁ AO NOSSO ALCANCE. A SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS NÃO NECESSARIAMENTE PRECISA SER IMPORTADA, HÁ INÚMERAS POTENCIALIDADES LOCAIS QUE SÓ PRECISAM DE UM IMPULSO PARA SE TORNAR VETORES DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL.



Marina Rabello/OPAN

Uma verdadeira imersão, desconectada da rede wifi e conectada a ideias e saberes capazes de refletirmos sobre o real aprofundamento do que verdadeiramente importa para os públicos com os quais cada projeto interage.

Para nós, que estamos em outra região amazônica, realizando o projeto Viveiro Cidadão, o intercâmbio, demonstrou que, mais do que sonhar, acreditar que é possível realizar coisas fantásticas na Amazônia está ao nosso alcance. A solução dos problemas não necessariamente precisa ser importada, há inúmeras potencialidades locais que só precisam de um impulso para se tornar vetores de desenvolvimento regional. Apesar dos grandes desafios socioambientais da Amazônia, existem pessoas e comunidades que fazem a diferença e buscam incansavelmente alavancar alternativas que produzam além de bens e serviços, o senso de felicidade, esse, por sua vez, promovido pela satisfação de viver bem em harmonia com a imensidão verde garantidora da vida.

www.viveirocidadao.org.br

@viveirocidadao

/ecoporeviveirocidadao

Projeto

PROJETO VIVEIROCIDADÃO

Realização

ECOPORÉ Ação Ecológica Guaporé